

6. A MIGRAÇÃO COMO DESAFIO SOCIAL E TEMA LITERÁRIO: os casos da Alemanha e da Espanha

Volker Jaeckel

Gabriela Gomes de Oliveira

Introdução

A migração de estrangeiros de diversas nacionalidades, culturas e religiões tem sido um dos temas dominantes do século XXI na política da Comunidade Europeia (CE). Em muitos países, as discussões em torno das migrações causaram instabilidade, enfrentamentos, polêmicas acirradas na cultura política e um forte crescimento de uma extrema-direita que propaga novos nacionalismos e tendências que se evidenciaram em países como Itália, França, Áustria, Alemanha, Holanda, Bélgica e também Espanha. No presente contexto, propomos um estudo comparativo entre a Alemanha e a Espanha, uma vez que são dois países vinculados entre si pela migração e também com uma longa tradição de pessoas que emigraram para outros continentes, especialmente para as Américas do Norte e do Sul.

A Espanha, em uma função colonizadora, enviou durante séculos grande parte de sua população para se fixar no Novo Mundo e, da Alemanha decimonônica, milhares emigraram para os Estados Unidos, para a Argentina, Chile e Brasil, fugindo de precariedades econômicas e perseguição. No século XX, tanto a ditadura nazista na Alemanha como a Guerra Civil espanhola e a ditadura de Franco obrigaram muitas pessoas a abandonar sua terra natal. Novamente, os países das Américas estavam entres os destinos prediletos, como é o caso do México que, ocupando o primeiro lugar nessa lista, era o local onde emigrantes da Espanha e da Alemanha encontravam um novo lar.

Depois da Segunda Guerra Mundial, a situação mudou radicalmente, uma vez que a Alemanha se transformou em um país receptor de emigrantes trabalhadores que ajudavam na construção do chamado “milagre econômico alemão”. A Espanha, por sua vez, enviava trabalhadores com baixas qualificações aos países da Europa Central, entre eles a Alemanha, já que careciam de perspectivas nas áreas rurais. Nos anos de 1980 e 1990 do século XX, a situação começou a mudar novamente: muitos emigrantes espanhóis retornaram ao seu país, enquanto na Alemanha ocorria uma “emigração de luxo”, isto é, aposentados ou profissionais independentes trocavam o longo inverno da Alemanha pelo clima cálido e ensolarado da Espanha, se tornando residentes temporários ou permanentes em regiões como as Ilhas Baleares ou as Ilhas Canárias.

A Alemanha, pelo seu potencial econômico e industrial e seu estado social, e a Espanha, por causa de sua geografia, pelos contatos tradicionais com países africanos e latino-americanos, se transformaram em destinos preferidos para emigrantes de outros continentes. Os desafios sociais para integrar os imigrantes naquelas sociedades são grandes e os obstáculos múltiplos. A resistência contra a sua acolhida cresce cada vez mais nos dois países, e partidos como AfD, na Alemanha, e Vox, na Espanha,

aproveitam a situação para reivindicar um estado nacional livre de estrangeiros incômodos. A literatura nos dois países reflete as preocupações e tensões em torno do tema da migração, e a voz dos próprios imigrantes, que ressoa em seus textos, reflete, muitas vezes, histórias e narrativas baseadas em suas próprias experiências. A língua do país de residência, portanto, se faz ouvir além das fronteiras da Alemanha e da Espanha.

Um olhar sobre a Alemanha

O conceito de migração ressoa em todos os cantos da terra e perpassa tempos distintos, marcando presença entre os principais acontecimentos históricos da humanidade. De acordo com a professora e socióloga Teresa Kleba Lisboa, o termo “migração” poderia ser definido como “uma ação social de caráter individual ou coletiva, espontânea ou forçada, que ocorre através de um deslocamento interno (do campo para a cidade, de uma cidade para outra, no mesmo país), ou externo (de um país para o outro) [...]” (LISBOA, 2006, p. 152). Os motivos da emigração, ou seja, deixar o local de origem e se estabelecer em um outro país, ou da imigração, mais precisamente, entrada de quem vem do exterior para fins de trabalho e/ou residência, podem estar associados a causas socioeconômicas e políticas, como também a dimensões subjetivas.

No contexto alemão, esse fenômeno não é recente. A plataforma virtual da Agência Federal Alemã de Educação Cívica (Bundeszentrale für politische Bildung) ressalta que os maiores movimentos migratórios do século XX, principalmente na forma de fuga, expulsão e deportação para trabalho forçado, ocorreram entre 1933 e 1945. “Centenas de milhares de judeus e pessoas perseguidas emigraram nos anos anteriores ao início da Segunda Guerra Mundial. Nos anos de guerra, a Alemanha se tornou o centro e o motor da migração forçada em toda a

Europa” (OLTMER, 2005, tradução nossa).¹ Esses acontecimentos tiveram um grande impacto na produção artística e intelectual da Alemanha da época. Muitos foram os grandes nomes da indústria cinematográfica e do campo musical que emigraram do país durante o período do domínio nazista.

No âmbito literário o impacto não foi menos evidente. Muitos escritores, críticos e pesquisadores da literatura fugiram da esfera de poder do nacional-socialismo e da perseguição racista e antissemita. Dentre eles podemos citar Erich Auerbach (emigrou em 1933 para Istambul e, em 1947, para os EUA), Walter Benjamin (refugiou-se na Itália entre 1934 e 1935, suicidando-se em 1940), Thomas Mann (emigrou para a Suíça em 1933 e, em 1938, para os EUA), Bertolt Brecht (refugiou-se na Dinamarca em 1933 e, em 1941, nos EUA), Alfred Döblin (emigrou para a França em 1933 e, em seguida, para os EUA em 1940) e Anna Seghers (fugiu para a Suíça em 1933, em 1940 para a França e em 1941 para o México). Outros intelectuais, agora no campo da filosofia, também partiram da Alemanha nesse período, como é o caso de Hannah Arendt, Theodor W. Adorno, Theodor Lessing, Leo Strauss e Richard Rudolf Walzer.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, “mais de 12 milhões de refugiados e deslocados alemães, bem como cerca de 10 a 12 milhões de deslocados, ex-trabalhadores forçados e internos de campos de concentração estrangeiros tiveram que encontrar um novo lar ou ser repatriados [...]” (OLTMER, 2005, tradução nossa).² O momento turbulento por que passava a Alemanha, antes e depois da guerra, abriu caminho para a literatura de língua alemã no exílio, uma vez que, como vimos, muitos dos principais

¹ Hunderttausende Juden und politisch Verfolgte emigrierten in den Jahren vor Beginn des Zweiten Weltkriegs. In den Kriegsjahren wurde Deutschland zum Zentrum und Motor von europaweiten Zwangswanderungen.

² Über zwölf Millionen deutsche Flüchtlinge und Vertriebene sowie rund zehn bis zwölf Millionen „Displaced Persons“, ehemalige Zwangsarbeiter und ausländische KZ-Insassen mussten nach dem Ende des Krieges eine neue Heimat finden bzw. repatriiert werden.

pensadores alemães emigraram do país afastando-se do regime autoritário de Adolf Hitler. “Trata-se de uma literatura de resistência, no sentido mais amplo da palavra (política, literária e artística), à instauração de um regime anti-intelectual, antilibertário, antiliberdades individuais, em suma, absolutamente antidemocrático: o nacional-socialismo.” (KESTLER, 2005, p. 115).

Não cabe aqui traçar um painel histórico-literário detalhado acerca das características e fases da literatura de exílio em língua alemã, mas se torna interessante mencionar alguns autores e obras que marcaram esse período, como é o caso de *Die Moorsoldaten. 13 Monate Konzentrationslager* (Os soldados do pântano. 13 meses de campo de concentração) de Wolfgang Langhoff de 1935; *Der Weg durch den Februar* (O caminho através de fevereiro) de Anna Seghers de 1935; *Die Gewehre der Frau Carrar* (Os fuzis da sra. Carrar) de Bertold Brecht de 1938 e, dentre outras, *Exil* (Exílio) de Lion Feuchtwanger de 1940. Este último, por exemplo, narra o sequestro do jornalista Friedrich Benjamin, que é parte de uma campanha nacional-socialista contra a imprensa emigrante. Começa, então, um cabo de guerra entre a sede do partido nazista e os exilados que vivem em Paris.

A questão da migração na Alemanha também reverberou nos anos seguintes ao pós-guerra. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, mais precisamente entre 1949 e 1961, cerca de 2,7 milhões de pessoas partiram da Alemanha Oriental para a Ocidental, como aponta Carolin Butterwegge (2005), na plataforma Bundeszentrale für politische Bildung. A DDR (Deutsche Demokratische Republik), República Democrática Alemã, recebeu, entre 1966 e 1989, trabalhadores vindos de países como Vietnã, Polônia e Moçambique, e, até meados dos anos de 1970, vieram ainda milhares de refugiados do Chile, da Espanha e da Grécia. No cenário da BDR (Bundesrepublik Deutschland), República Federal da Alemanha, foram contratados, entre 1955 e 1973, milhares de trabalhadores convidados – os chamados *Gastarbeiter*.

Os alemães étnicos (*Aussiedler*) também compõem o quadro migratório do país.

Entre 1955 e 1961, o governo alemão assinou um acordo de recrutamento com Itália, Grécia, Espanha e Turquia com o intuito de empregar trabalhadores provindos dessas regiões para auxiliarem na reconstrução do país anfitrião. A *Gastarbeiterliteratur* (literatura de trabalhadores convidados) surge a partir desse recrutamento e com o início da produção literária desses escritores-trabalhadores que abordam em sua escrita, dentre outras coisas, a experiência de residir em um país estrangeiro, as questões de identidade e integração, a aquisição de uma nova língua e suas impressões com relação à situação em que vivem. Segundo Stolarczyk-Gembiak (2015, p. 189), os motivos pelos quais os trabalhadores migraram para a Alemanha eram vários, dentre eles, a fuga das zonas de crise ou de guerra, a esperança de melhores oportunidades de trabalho, a melhoria da qualidade de vida e a perseguição política ou religiosa.

Embora o termo *Gastarbeiterliteratur* apresente diversas ressalvas no campo da crítica literária, uma vez que ele sugere uma classificação homogênea de todos os escritores imigrantes que chegaram à Alemanha nesse período, deixando de lado suas especificidades e características próprias de seu fazer literário, ele continua sendo utilizado em estudos e pesquisas da área. Franco Biondi, autor nascido na Itália, migrou para a Alemanha em 1965 e é considerado um dos principais representantes da literatura produzida pelos *Gastarbeiter*. Dentre suas principais obras destacam-se *Nicht nur Gastarbeiterdeutsch* (Não apenas alemão falado por trabalhadores convidados) de 1979; *In deutschen Küchen* (Nas cozinhas alemãs) de 1997; *Der Stau* (O engarrafamento) de 2001 e *Kostas Stille Jahre* (Os anos silenciosos de Kosta) de 2012. O escritor Feridun Zaimoğlu, filho de um trabalhador convidado turco que chegou à Alemanha em 1965, também ganha destaque em obras como *Kanak Sprach* de 1995, em

que traduziu as confissões selvagens e radicalmente autênticas de jovens de origem turca da língua destes “Kanaksters”, uma mistura de dialetos nativos e alemão de rua, para um alemão legível, quase audível. O livro é considerado um cânone estridente e anárquico de dissonâncias do cosmos do “Kanakistão”, uma região desconhecida no limite da sociedade alemã. Além desses, Zaimoğlu ainda publicou outros escritos literários como *Zwölf Gramm Glück* (Doze grammas de sorte) de 2004 e *Die Geschichte der Frau* (A história da mulher) de 2019.

De fato, a Alemanha do pós-guerra tornou-se um país de imigração. De acordo com Emília Patrício (2011, p. 53-54), o número de requerentes de asilo entre 1970 e 1980 chegou a cerca de 107 mil, sendo que mais de 50% dos solicitantes eram turcos. Entre 1984 e 1992 os pedidos de asilo chegaram a 440 mil. Dentre os inúmeros autores que compõem o cenário literário dessa “nova Alemanha”, dando ao país uma face mais multicultural seja pelas ruas das cidades ou pelas páginas dos livros, podemos citar, além dos já mencionados Franco Biondi e Feridun Zaimoğlu, ainda Wladimir Kaminer (nascido na Rússia), Yôko Tawada (nascida no Japão), Zafer Şenocak (nascido na Turquia), Rafik Schami (nascido na Síria), Terézia Mora (nascida na Hungria), Libuše Moníková (nascida na República Tcheca), Serdar Somuncu (nascido na Turquia) etc. Não menos importante é o fato de que as obras desses escritores têm se tornado *bestsellers* na Alemanha.

Em 2000 entrou em vigor uma nova Lei da Nacionalidade (Staatsangehörigkeitsgesetz – StAG) que estabelece que, para se naturalizar, o estrangeiro necessita ser fluente em alemão, residir no país há mais de oito anos, possuir autorização de residência, não ter antecedentes criminais e, dentre outras coisas, ser independente financeiramente. Aprovada em 2005, a Lei de Imigração (Das Zuwanderungsgesetz) representou grande mudança com relação à questão dos imigrantes que vivem na Alemanha. Patrício (2011, p. 60) pontua que, conforme essa nova

legislação, os imigrantes devem participar de cursos de integração orientados pela Agência Federal das Migrações e Refugiados (Bundesamt für Migration und Flüchtlinge – BAMF). Estes são estruturados de forma que, além do aprendizado da língua alemã, também sejam adquiridos conhecimentos acerca da história, do sistema político e da cultura do país.

Embora o foco esteja sobre os processos de migração no contexto alemão, é impossível não mencionar a crise migratória na Europa principalmente a partir de 2015. A crítica situação humanitária vivida pelas centenas de milhares de refugiados, oriundos principalmente da África e do Oriente Médio, que tentaram chegar à Europa e solicitar asilo, é considerada a maior onda migratória enfrentada pelo continente europeu desde a Segunda Guerra Mundial. As perigosas travessias pelo Mar Mediterrâneo e pelos Bálcãs, enfrentadas por migrantes irregulares, são reflexo de uma fuga em massa. Essas pessoas, muitas vezes, fugiram de seus países devido a guerras, conflitos, fome, intolerância religiosa, algum tipo de perseguição, violações de direitos humanos, catástrofes climáticas e, dentre outros inúmeros motivos, violência e opressão de diversas formas.

Segundo a ONU (Organização das Nações Unidas), em todo o mundo “o número de pessoas fugindo de guerras, perseguições e conflitos superou a marca de 70 milhões em 2018” (ONU, 2019b). No caso da Alemanha, como mostra um levantamento do site alemão Deutsche Welle (2016), apenas em 2015 o país registrou “a chegada de cerca de 2 milhões de imigrantes [...] No mesmo ano, 860 mil estrangeiros deixaram o país, com ‘saldo’ de 1,14 milhões.” Em 2016, conforme a plataforma Eurostat (2018), imigraram para países membros da União Europeia cerca de 4,3 milhões de pessoas, enquanto 3 milhões emigraram de algum Estado-membro da UE. De acordo com novas estimativas levantadas pela ONU, “o número de migrantes internacionais alcançou 272 milhões de pessoas em 2019, um aumento de 51 milhões

desde 2010. Atualmente, elas e eles somam 3,5% da população global, comparado com 2,8% em 2000 [...]” (ONU, 2019a).

O ato de emigrar é cheio de incertezas para aqueles que se vão, e de desconfiança por parte de quem os recebe, “[...] repleto de representações coletivas que tendem a compreender o imigrante, sobretudo, como um ‘problema’, seja social, político, econômico ou cultural” (RUSEISHVILI, 2016, p. 30). Infelizmente, o olhar que enxerga o imigrante como um “problema” parece cada vez mais presente. Em todo o mundo não são poucos os casos de racismo e xenofobia que assombram os noticiários diariamente. Conforme Werner Heidermann (2016, p. 615), “o grau de xenofobia e xenofilia parece depender estritamente da situação econômica de um país. Recessão gera medo de perder o próprio emprego e aumenta a rejeição do imigrante pela população nacional [...]”. Sendo assim, o *boom* econômico permitiria um maior grau de aceitação da imigração por parte da sociedade, já que não colocaria em risco a economia daquele local. A insegurança econômica, portanto, surge como um dos argumentos para a não aceitação de imigrantes, no momento em que eles representariam, para a população do país de destino, concorrência laboral. Além desses, acrescentam-se à lista as perseguições e intolerâncias políticas e religiosas, o preconceito racial, a homofobia, dentre outros, como fatores que colaboram para a rejeição de imigrantes.

Os diversos movimentos contra a entrada de imigrantes na Europa abrem cada vez mais espaço para a consolidação de grupos radicais mundo afora. Na Alemanha, o partido político populista de extrema-direita AfD (Alternative für Deutschland), Alternativa para a Alemanha, tem alcançado um número significativo de adeptos. Fundado em 2013, o partido mantém uma postura que conta com forças conservadoras nacionais e fundamentalistas cristãs, cujos membros representam posições autoritárias, nacionalistas, homofóbicas, antifeministas, antisemitas

e revisionistas históricas. É lamentável observar o crescimento de grupos extremistas em todo o globo, resultando em ataques a imigrantes e idolatrias a ex-soldados nazistas, como exibido em reportagem produzida pelo canal alemão NDR (2019). Entretanto, a literatura, mais uma vez, surge como plataforma de debate e de resistência.

Em uma seção intitulada “Argumente gegen Hass und Stamm-tischparolen: 12 Bücher gegen Rechts” (Slogans de mesa dos clientes habituais: 12 livros contra a direita) (BENTO, 2018), a versão on-line de 8 de novembro de 2018 do jornal alemão *Der Spiegel* traz um panorama de 12 livros que propõem esclarecer alguns conceitos e debater argumentos de radicalistas de extrema-direita. Dentre as obras citadas estão *Angst für Deutschland* (Medo pela Alemanha) de Melanie Amann de 2017; *Populismus für Anfänger* (Populismo para iniciantes) de Nina Horaczek e Walter Ötsch de 2017. Um livro a ganhar destaque aqui é *Die Außenseiter* (Os forasteiros) de Philipp Ther publicado também em 2017. O autor abrange uma vasta gama de temas e conta a história da Europa moderna a partir da perspectiva dos milhões que fugiram da perseguição religiosa, nacionalista e política – e das sociedades que os acolheram, rejeitaram ou os enviaram para outro caminho. Ele faz repetidas vezes referências ao presente e nos traz um espelho da Europa relativamente saturada de hoje.

Se antes a literatura de língua alemã produzida no exílio carregava consigo traços de resistência contra o regime autoritário e antidemocrático do nacional-socialismo, agora observa-se o surgimento de novos nomes que pretendem resistir ao advento de grupos radicais de extrema direita. Não se pode esquecer, porém, da presença dos *Gastarbeiter* a partir dos anos de 1960. Seus escritos evocam o sentimento de quem, assim como muitos alemães no período do pós-guerra, aprende a se aventurar por terras estrangeiras. Por fim, temos ainda a forte presença de escritores exofônicos na Alemanha, isto é, aqueles que, nascendo em outro

país, escolheram o idioma alemão como suporte literário. A migração, portanto, surge como fenômeno que carrega consigo a transformação não apenas do espaço social geográfico, mas da própria sociedade integralmente. A literatura como forma de expressão dos acontecimentos históricos de uma época, desde muito tempo, abriu espaço para narrar as vidas dos migrantes.

O caso da Espanha

No caso da Espanha, o tema da migração acompanha a história do país desde o século XV com o descobrimento do Novo Mundo. Porém se tornou mais evidente no século XX, quando centenas de milhares de espanhóis tiveram que emigrar no fim da Guerra Civil espanhola, em 1939, para fugir da perseguição perpetrada pela ditadura de Franco. Tratava-se do maior movimento migratório, causado por uma guerra, conhecido até aquele momento. Numerosos intelectuais, escritores, artistas, cientistas e profissionais muito qualificados abandonaram para sempre o território espanhol e encontraram refúgio em países latino-americanos, como México, como também na União Soviética ou na França, para citar somente alguns dos destinos mais importantes. A emigração de mais de 500 mil pessoas, conhecida como “la retirada”, deixou o país dividido durante quatro décadas. Suas marcas são visíveis até hoje, 80 anos depois, quando o exílio republicano de 1939 é comemorado em inúmeros atos, eventos e exposições em toda a Espanha e fora do país.

Durante os anos de 1960 e 1970 do século XX ocorreram grandes migrações de trabalhadores, sobretudo do Sul da Espanha para os países do Centro da Europa, e também dentro da Espanha, de regiões menos desenvolvidas como Andaluzia e Extremadura para a Catalunha, o País Vasco e Madri. Trata-se de uma migração interior que condicionou o desenvolvimento rápido dos grandes centros urbanos e suas regiões

metropolitanas (Madri, Barcelona, Valência, Bilbao). O êxodo rural teve as suas causas na mecanização das lavouras no campo, em amplas áreas rurais sem uso, no desemprego e na miséria dos camponeses e na desigual distribuição da terra. Esse movimento migratório levou ao despovoamento da área rural, ao envelhecimento da sua população e diminuiu a pressão sobre os recursos disponíveis, enquanto nas grandes cidades cresceu a marginalização demográfica.

Muitos espanhóis encontraram emprego em outros países da Europa, trabalhos que garantiam um bem-estar inalcançável naquela época na Espanha, e somente voltaram a residir em seu país de origem décadas depois, ou nunca regressaram. Alguns dos filhos dos primeiros emigrantes que partiram em busca de trabalho, nascidos no exterior, se integraram com muito sucesso, enquanto outros voltaram depois de anos para a Espanha com uma certa fortuna acumulada. Com o final da ditadura em 1975, com a entrada da Espanha na Comunidade Europeia e com o impulso dos megaeventos do ano 1992³, a situação começou a se inverter. Não somente os espanhóis residentes no exterior começaram a retornar ao seu país de origem, senão um crescente número de migrantes estrangeiros fixou a sua residência na Espanha pós-franquista. Essa mudança na direção das migrações teve muito impacto na sociedade espanhola, uma vez que o auge e a prosperidade chegaram de repente e transformaram a Espanha, da noite para o dia, de um país então atrasado e isolado em um dos destinos mais cobiçados para se viver a nível mundial.

Em 1981, 0,5% da população que residia na Espanha era de origem estrangeira, totalizando 198 mil pessoas. Esse número cresceu e alcançou em 2011 o seu máximo com 5.751.500 pessoas, representando 12,2% da população. Segundo os dados divulgados

³ Em 1992 Madri era capital europeia de Cultura, em Barcelona houve os Jogos Olímpicos e em Sevilha a Exposição Universal. Todos esses eventos impulsionavam muito os investimentos em infraestrutura e transporte.

pelo Instituto Nacional de Estatística (2020), em 1º de janeiro de 2019 o país contava com uma população de 47.100.000 pessoas, ou seja, 167 mil a mais que no ano anterior, dos quais 5.023.279 eram estrangeiros (10,67%). A população espanhola estagnou (-0,05%), enquanto a população estrangeira cresceu, em comparação ao ano de 2018, alcançando a marca de 183.073 pessoas. Os maiores crescimentos em números absolutos podem ser constatados, segundo a plataforma EpData (2020), entre a comunidade venezuelana (48.303), a colombiana (39.977) e a marroquina (32.217). As maiores porcentagens de estrangeiros residentes dentro do território foram registradas nas Ilhas Baleares (17,81%), na Catalunha (15,09%), na Comunidad de Murcia (14,12%), na Comunidad Valenciana (14,03%) e na Comunidad de Madrid (13,22%), regiões com forte presença de cidadãos da Comunidade Europeia.

Dessa população estrangeira residente na Espanha, ainda conforme dados do Instituto Nacional de Estadística, 39% são europeus, 23% africanos e 17% são latino-americanos. Alguns fatores favorecem os processos migratórios para a Espanha, como é o caso, por exemplo, do rápido crescimento econômico depois de 1992, com base na construção civil e no turismo, que exigiu uma grande quantidade de mão de obra. Houve um crescimento de 900 mil postos de trabalho que foram ocupados, em grande parte, por estrangeiros. A identidade cultural e linguística impulsionou a imigração de pessoas de origem ibero-americana, uma vez que na maioria desses países existem tratados de dupla nacionalidade.

No contexto europeu, o clima ameno e o estilo de vida atraem para o território espanhol muitas pessoas aposentadas ou trabalhadores independentes, entre eles, sobretudo ingleses, italianos e alemães. Em sua maioria, residem nas Ilhas Baleares, nas Ilhas Canárias, na Costa Blanca ou Costa del Sol; a chamada “imigração de luxo”, que deixou os seus rastros em forma de inúmeras

construções de vivendas no litoral. A proximidade geográfica com o continente africano facilita a entrada de pessoas procedentes, principalmente, do Marrocos, país que possui fronteiras terrestres com a Espanha, e do Magrebe. A desigualdade de renda entre os países é uma das principais causas para o processo da migração. Em nenhum outro lugar do mundo uma fronteira separa tanta desigualdade, já que os salários na Espanha são até 12 vezes maiores do que no país vizinho no Norte da África. A fronteira do Mar Mediterrâneo e do Atlântico com as Ilhas Canárias surge, entretanto, como um obstáculo, cuja superação custa a vida de centenas de pessoas que, a cada ano, se aventuram em embarcações pequenas e precárias, nas chamadas “pateras”⁴, e enfrentam a travessia perigosa.

Diante os fatores expostos anteriormente, podemos constatar uma profunda transformação da sociedade espanhola em pouco mais de 25 anos; de um país de emigrantes a um de imigrantes, recebendo pessoas na procura de emprego, moradia, lazer, educação, serviços sociais e melhores condições de vida. Nessas circunstâncias, o Estado espanhol teve que responder com rapidez e eficiência às novas demandas que surgiram com o novo cenário da migração no país. Por um lado, a acolhida e a integração foram um desafio muito grande, por outro, a imigração estrangeira resultava numa compensação do saldo negativo no desenvolvimento populacional.

Muitos estrangeiros imigrantes assumem trabalhos nas áreas de serviço, na agricultura ou na construção, onde foram empregados como mão de obra barata, flexível e submissa. Um grande número de imigrantes africanos trabalha nos plantios e estufas de Murcia e Almería. Porém, no município de Torre de Burgo, localizado na província de Guadalajara, 87% da população é estrangeira, formada na sua maioria por búlgaros que trabalham na

⁴ “Patera” é originalmente um pequeno barco de madeira, sem convés, com fundo plano e pouco calado, usado para pescar em águas rasas, termo aplicado às embarcações utilizadas por imigrantes ilegais para chegar da África à Europa.

colheita de aspargos, enquanto muitos romenos atuam no setor de serviços e na construção civil. Nas lojas, bares, restaurantes e nas feiras pode-se facilmente detectar o acento sul-americano dos empregados, procedentes de Equador, Colômbia, Peru e Argentina. Hoje a sociedade espanhola pode ser considerada multicultural e plurilíngue, já que em diversas regiões turísticas o inglês e o alemão são línguas muito presentes na vida diária, além do espanhol, do catalão, do galego e do vasco, que possuem status de línguas oficiais.

A Espanha do século XXI, sem dúvida alguma, possui marcas significativas desse processo de imigração, já que hoje a sua sociedade tem características multiétnicas e multirraciais. Algo semelhante ocorre também com a sociedade alemã, acentuando-se apenas uma diferença: historicamente a Espanha sempre exercia a função de uma ponte entre o continente europeu, a África e as Américas, o que não acontecia no contexto alemão. Infelizmente, o aumento da imigração trouxe consigo, igualmente, o aumento da xenofobia, do nacionalismo e da rejeição de estrangeiros de outros continentes. Houve incidentes, como aquele de El Ejido (Almeria)⁵ em 2000, que entraram na história como atos muito lamentáveis de racismo e intolerância. Os africanos se encontram, certamente, no final da hierarquia social na pirâmide, abaixo dos emigrantes do Norte e do Centro da Europa, dos romenos e dos latino-americanos e ocupam os empregos com pior remuneração.

Desde os anos de 1990, muitos escritores espanhóis se ocuparam seriamente do tema das migrações. Esses autores, em sua maioria, partiram de um compromisso humanitário e são comovidos pela solidariedade, poucos, entretanto, alcançaram êxito do ponto de vista da estética. Observa-se também uma certa preferência temático-literária por imigrantes originários do Magrebe, quando se refere ao tema da imigração africana, frente

⁵ Veja a reportagem em *El País* (2000).

às histórias dos imigrantes subsaarianos (KUNZ, 2002, p. 130). Poucos são os autores da Espanha que se ocupam de outras comunidades migratórias como, por exemplo, Polônia ou Bulgária. Há uma escassez de romances sobre imigrantes asiáticos e são poucos os textos nos quais aparecem latino-americanos como trabalhadores migrantes, senão como sicários ou traficantes de droga. Em contrapartida, escritores, artistas, intelectuais ou exilados políticos desempenham um papel mais positivo dentro da literatura produzida sob esse viés (KUNZ, 2002, p. 131). Tudo indica que a percepção que os escritores têm desses imigrantes é diferente. Também faltam romances relevantes sobre a chamada “imigração de luxo”.⁶

A produção de textos literários em espanhol (ou nas outras línguas oficiais da Espanha), por parte dos imigrantes, é ainda muito incipiente se comparada a outros países, como a Alemanha. Raras exceções seriam Donato Ndongo, Ahmed Daoudi ou Najat El Hachmi, que obtiveram alguma repercussão com os seus romances escritos em espanhol e em catalão. Entre os autores nascidos na Espanha que retratam a imigração africana merecem ser mencionados, sobretudo, Miguel Naveros: *Al calor del día* (No calor do dia) de 2001, Andrés Sorel: *Las voces del estrecho* (As vozes do estreito) de 2000, Nieves García Benilo: *Por la vía de Tarifa* (Via Tarifa) de 1999, Lourdes Ortiz: *Fátima de los naufragios* (Fátima dos destroços) de 1998 e Adolfo Hernández Lafuente: *Agua de cristal, costas de ébano* (Águas cristalinas, costas de ébano) de 2001. Todos eles mencionam, em suas narrativas, os perigos da travessia pelo mar para chegar ao Sul da Espanha em embarcações precárias, as “pateras”, os problemas dos recém-chegados para conseguir emprego, moradia, documentos, acolhimento e as posturas ofensivas e agressivas da população nativa frente aos africanos. Cabe ressaltar, ainda, que a representação

⁶ Segundo uma reportagem do jornal *Der Spiegel*, de 24 de fevereiro de 2001, mais de 500 mil alemães teriam uma residência na Espanha.

de diferentes movimentos migratórios ganha foco em romances, escritos na Espanha do século XXI, retratando tendências diferentes de migrações: a africana, a romena e a latino-americana para a Espanha atual.

El metro (O metrô), de 2007 de Donato Ndongo, conta a história de um vendedor ambulante, dentre inúmeros que são tão frequentes nas ruas de Madri e em outras cidades da Espanha: a do camaronês Obama Ondo, cuja história se inicia a partir de sua trajetória na África chegando até o momento presente da narrativa, quando sobrevive vendendo mercadorias no metrô de Madri. Obama Ondo foge da miséria e de um regime político que reduz as liberdades para se deparar com um mundo ocidental que o ignora, explora e marginaliza. A situação de injustiça e exploração afeta também o seu interior. Em meio a todas essas questões, surge então o mosaico de sua sociedade de origem; uma cultura sob a influência de um colonialismo que não foi esquecido, no qual o peso da tradição se impõe aos projetos pessoais. Em *El metro* encontram-se figuras de mulheres e mães obrigadas a prostituir-se, compreendidas como se fossem apenas um “pedaço de carne”. O romance narra, ainda, uma viagem horrível, infernal e dolorosa até as Ilhas Canárias que separa a crua realidade do mundo das esperanças. Apesar do difícil quadro supramencionado existe, na obra, um olhar próximo e repleto de afinidade para aquele “outro”, o imigrante. O romance também relata as peripécias dos trabalhadores ilegais nas plantações e estufas do campo de Cartagena. Por ocasião de um acidente de trânsito, eles são demitidos e não recebem o salário que lhes corresponde. A falta de perspectiva, a ilegalidade e a persistência a alguns objetivos que o protagonista nunca irá alcançar constituem os elementos frustrantes na vida de Obama, uma pessoa que, sobretudo, sonha com o regresso a sua terra natal. O livro retrata, ademais, certos preconceitos sob a perspectiva do “outro” nas duas direções: do

branco sobre o negro e do negro sobre o branco, apesar de conter em sua narrativa momentos bonitos e conciliadores.

Em *No me cuentes tu vida* (Não me conte a sua vida) de 2012 do poeta, catedrático de literatura e atual diretor do Instituto Cervantes, Luis García Montero, é retratado um episódio relevante do início da imigração em Alcalá de Henares, cidade histórica a 32 Km de Madri, onde 20 mil pessoas, a metade dos estrangeiros residentes naquele local, são romenos. Ramón, o filho de uma família madrilenha acomodada, se apaixona pela empregada de origem romena, Mariana, e quer compartilhar com ela sua vida em Alcalá. Um dia, ele chega a conhecer o ambiente no qual Mariana vive, assim como seus colegas e amigos. O jovem percebe os conflitos de identidade, a ansiedade e o medo do retorno à Romênia. Ramón começa a se interessar pelo destino dos imigrantes e pela sua origem, fazendo várias perguntas a este respeito aos pais de sua amada. O romance trabalha semelhanças nas histórias do século XX entre a Espanha e a Romênia, destaca coincidências e diferenças entre os jovens dos dois países que se amam em condições tão desiguais. Em certo momento, a narrativa direciona o olhar do leitor para a história da família de Ramón e sua relação com a Romênia. Os pais do protagonista se conheceram nos anos de 1980 em Bucareste e, devido às suas convicções políticas comunistas, possuíam vínculos com o país de origem de sua empregada Mariana. Aparecem, ainda, figuras migrantes muito diversas: intelectuais espanhóis exilados na Argentina ou na Romênia durante a ditadura, africanos chegando no litoral sul da Espanha, romenos trabalhadores ou donos de negócios e os ciganos que vivem em Madri nas condições mais precárias e sendo discriminados pelos próprios compatriotas romenos. Como em muitos outros textos literários espanhóis, os imigrantes são relegados a posições “subordinadas”: empregada,

motorista, músicos, porém, neste romance, com a possibilidade de ascensão social.⁷

O último romance apresentado aqui é *Los transterrados* (Os banidos) de 2018, da escritora e ensaísta colombiana, radicada há mais de 30 anos em Madri, Consuelo Triviño Anzuelo. A obra retrata o mundo da emigração latino-americana para a Europa e expõe as inquietudes de Luis Jorge Peña, um periodista fictício que se viu obrigado a fugir do seu país por ameaças de morte. Na Espanha, ele trabalha para o jornal *El Emigrante Latino* (O imigrante latino), porém precisa aceitar outros empregos para conseguir se manter. Um certo dia, acorda junto ao corpo de sua namorada Patricia Valdivia e não recorda o que havia sucedido. Este fato é o início de uma narrativa, na qual aprendemos sobre a resiliência do ser humano e sua luta pela sobrevivência nas condições de imigrante. O testemunho das diferentes personagens introduz o leitor a um universo complexo nos limites da delinquência, do trabalho informal, das gangues, do tráfico de drogas e de mulheres. A autora enfoca a situação dos latino-americanos em Madri, entre o gueto e o esforço de preservar as tradições. Trata-se de um romance com elementos de um *thriller*, que confronta o leitor com problemas de muita relevância na atualidade e levanta questões a serem respondidas pelas sociedades modernas na Europa, principalmente, no que diz respeito às migrações. A obra reflete uma espécie de indagação frente a alma do homem e demonstra que as pessoas não são unicamente boas ou más, senão que sempre possuem dois lados, assim como as trajetórias que vivenciamos não são apenas brancas ou pretas.

Pode ser observado que, na Espanha, a literatura de imigrantes ainda não tem o mesmo protagonismo como em outros países, a exemplo da Alemanha, da França ou da Inglaterra, mesmo considerando que uma parte das pessoas migrantes chega à

⁷ Trata-se de uma observação geral de Marco Kunz sobre o papel dos emigrantes na literatura contemporânea espanhola (cf. KUNZ, 2002, p. 133).

Espanha já com conhecimentos do espanhol. O fenômeno talvez possa ser explicado com base em um hispano-centrismo que, desde a experiência pessoal até a perspectiva narrativa, teria impedido tanto uma maior divulgação das obras existentes, quanto a adequada integração do pluralismo cultural existente na literatura da Espanha (KUNZ, 2002, p. 136).

Conclusão

A plataforma on-line do Serviço Federal de Estatística da Alemanha (Statistisches Bundesamt) disponibilizou em 2019 um levantamento bastante detalhado acerca dos dados numéricos dos processos de migração. De acordo com apontamentos estatísticos, a maior parte dos imigrantes a adentrarem o país em 2019 é de origem turca. Em 1985 foi registrada a entrada de 1,4 milhão de turcos, alcançando a marca de quase 2,2 milhões entre 1995 e 2000 e, por fim, chegando a cerca de 1,5 milhão em 2018. Destacam-se também, em segundo lugar, imigrantes oriundos da antiga Iugoslávia (região que, atualmente, engloba países como Bósnia e Herzegovina, Croácia, Macedônia, Montenegro, Kosovo, Sérvia e Eslovênia), que registrou pouco mais 1,2 milhão de pessoas em 2018. A quantidade de pessoas oriundas da Síria também é bastante significativa atualmente, chegando a cerca de 800 mil sírios em território alemão.

O cenário acima descrito realça a afirmação de que a Alemanha, já há muito tempo, tem se tornado o destino de diversos povos. O território alemão, portanto, ganha novos contornos a partir da chegada e saída de inúmeros indivíduos que carregam consigo traços culturais distintos e plurais. De acordo com dados da página digital Stadista (2019a), dos 16 estados federados do país, Nordrhein-Westfalen (Renânia do Norte-Vestfália) conta com o maior número de população estrangeira, 2.648.645 pessoas, seguido por Bayern (Baviera) com 1.858.425 e

Baden-Württemberg (Baden-Württemberg) com 1.777.350. Dentre as 10 funções mais exercidas por imigrantes no país, podem ser destacadas aquelas do setor de serviços gerais, produção e processamento de alimentos, turismo e hotelaria, construção civil, produção agrícola e agropecuária, transporte e logística e, dentre outros, metalurgia. Profissões que necessitam qualificações especializadas possuem um índice menor de adesão, a exemplo de setores como marketing, publicidade e mídias digitais, arquitetura, gestão corporativa e administração, finanças e áreas jurídicas.

No caso da Espanha, a partir de levantamentos estatísticos da plataforma Stalista (2019b), o número de estrangeiros em 2009 era de 5.648.671 pessoas, ou seja, 12,1% da população do país. Esses dados alcançaram seu menor índice em 2016, chegando a 4.618.581, mas, em 2019, retornou quase ao quadro anterior com 5.023.279 pessoas, somando 10,7% da população. Diferentemente da Alemanha, onde imigrantes com origens na Turquia são a grande maioria, na Espanha existe uma forte presença de imigrantes com origens no Marrocos, haja vista que atualmente residem 714.329 de marroquinos em solo espanhol. É notória certa similaridade entre o número de romenos que residem nos dois países. Enquanto a soma de imigrantes romenos na Alemanha é de 696.275, na Espanha ela chega a 671.233. A Espanha também figura como destino de muitas pessoas provindas do Reino Unido, da Itália e da Alemanha, alcançando a marca de 287.292, 244.148 e 139.000 respectivamente. A maioria desses estrangeiros que migraram ao país mediterrâneo residem na região das Ilhas Baleares (17,8%), na Catalunha (15,1%), em Murcia (14,1%) e na Comunidad Valenciana (14%). Cabe ressaltar, além disso, que as áreas trabalhistas que mais empregam os imigrantes que chegam à Espanha são aquelas dos setores de hotelaria, comércio, manutenção de veículos, agricultura, serviços domésticos, atividades administrativas e, dentre outros, construção civil.

Ao abordar o cenário político da Alemanha e da Espanha a partir de sua relação com a presença de imigrantes naqueles locais, observam-se quadros dessemelhantes entre os dois países. O resultado das eleições gerais ocorridas em 2019 na Espanha mostrou que em regiões onde há um número expressivo de estrangeiros, como é o caso das províncias de Murcia, Almeria e Huelva, houve também uma grande mobilização de votos para o partido populista de extrema-direita Vox. Nesses locais, onde a porcentagem do número de imigrantes chega até a 87%, como em Torre de Burgo, o partido alcançou 44% dos votos da população.⁸ Na Alemanha, por sua vez, a população de estados com minoria estrangeira, a exemplo de Sachsen-Anhalt (Saxônia-Anhalt), Thüringen (Turíngia) e Mecklenburg-Vorpommern (Mecklemburgo-Pomerânia), votou massivamente no partido alemão de extrema-direita AfD, conforme estudo realizado pela plataforma Stadista (2019c). Dados das eleições estaduais de 2019 apontam que a porcentagem de votos recebidos pelo partido gira em torno de 20% naquelas regiões.

Com relação ao grau de xenofobia nos dois países, observa-se que, na Espanha, ela ocorre em regiões mais próximas à África, sendo os africanos, maioritariamente empregados na lavoura do campo, aqueles que sofrem maior discriminação. Já na Alemanha, imigrantes provindos de países de cultura árabe e muçulmana, como Turquia, Afeganistão, Síria etc., são aqueles que mais padecem sob ataques não apenas xenofóbicos, mas também islamofóbicos. Infelizmente, partidos como AfD e Vox têm ganhado cada vez mais adeptos com seus discursos que enaltecem, sobretudo, o passado glorioso de suas nações, o cristianismo, a família tradicional e os “bons costumes”.

Por fim, vale ressaltar o papel da literatura em meio a esse cenário. O tema da migração possui uma tradição mais consolidada na literatura produzida na Alemanha do que naquela

⁸ Dados procedentes da reportagem em *El País* (2019).

escrita na Espanha. Essa “literatura espanhola da migração” destaca a migração africana, retratando principalmente a luta para sobreviver após a partida de seu país de origem. Os latino-americanos que migraram para a Espanha também são relevantes a respeito dessa produção de textos literários, focando questões de resistência política e identidade. A prosperidade econômica e o retorno, por seu lado, figuram entre os principais temas que cercam a escrita sobre imigrantes do Leste Europeu.

A literatura surge, com produções tanto de autores imigrantes quanto nativos, como uma plataforma que permite um olhar para a realidade. A partir dela, as condições de vida, os sofrimentos, as alegrias e todas as experiências de alguém que reside fora de sua pátria ganham significado. Ela nos permite, enfim, compreender o olhar do outro por meio de narrativas únicas e perceber que somos plurais e heterogêneos. Apesar do crescimento de correntes de extrema-direita, a literatura permanece como uma plataforma de resistência.

Referências

BENTO. *Das junge Magazin vom Spiegel. Argumente gegen Hass und Stammtischparolen: 12 Bücher gegen Rechts*. 2018. Disponível em: <https://www.bento.de/politik/argumente-gegen-rechts-12-buecher-gegen-hass-und-stammtischparolen-a-c08676dc-769e-484a-871c-5713d61e67c0>. Acesso em: 12 dez. 2019.

BUTTERWEGGE, C. *Migration in Ost- und Westdeutschland von 1955 bis 2004*. 2005. Disponível em: <http://www.bpb.de/gesellschaft/migration/dossier-migration-ALT/56367/migration-1955-2004>. Acesso em: 12 dez. 2019.

DEUTSCHE WELLE. *Alemanha registra migração recorde em 2015*. 2016. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/alemanha-registra-imi-gra%C3%A7%C3%A3o-recorde-em-2015/a-19132160>. Acesso em: 12 dez. 2019.

EL PAÍS. *Vecinos de El Ejido armados con barras de hierro atacan a los inmigrantes y destrozan sus locales*. 6 feb. 2000; Disponível em: <https://>

elpais.com/diario/2000/02/07/espana/949878022_850215.html. Acesso em: 3 jan. 2020.

EL PAÍS. *Los graneros de Vox: el voto a la ultraderecha se concentra en los municipios con más inmigración*. 16 nov. 2019. Disponível em: https://elpais.com/politica/2019/11/14/actualidad/1573762994_948802.html. Acesso em: 22 jan. 2020.

EPDATA. *Población en España hoy: inmigrantes, emigrantes y otros datos sobre los habitantes de España*. 2020. Disponível em: <https://www.epdata.es/datos/poblacion-espana-hoy-inmigrantes-emigrantes-otros-datos-habitantes-espana/1/espana/106>. Acesso em: 9 jan. 2020.

EUROSTAT. Estatísticas da migração e da população migrante. *Eurostat Statistics Explained* (on-line), mar. 2018. Disponível em: https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Migration_and_migrant_population_statistics/pt#Popula.C3.A7C3.A3o_migrante:_quase_22_milh.C3.B5es_de_cidad.C3.A3os_de_pa.C3.ADses_terceiros_vivem_na_UE. Acesso em: 12 dez. 2019.

HEIDERMAN, W. Literatura Chamisso: a literatura alemã proposta por não-alemães. *Landa*, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 604-618, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.revistalanda.ufsc.br/PDFs/vol5n1/38.%20OLHARES%20Werner%20Heidermann%20-%20Lit.%20Chamisso.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA. *Porcentaje de población extranjera por tamaño de municipio y sexo*. 2020. Disponível em: <https://www.epdata.es/datos/poblacion-espana-hoy-inmigrantes-emigrantes-otros-datos-habitantes-espana/1/espana/106>. Acesso em: 8 jan. 2020.

KESTLER, I. M. F. A literatura em língua alemã e o período do exílio (1933-1945): a produção literária, a experiência do exílio e a presença de exilados de fala alemã no Brasil. *Itinerários*, Araraquara, n. 23, p. 115-135, 2005. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2829>. Acesso em: 12 dez. 2019.

KUNZ, M. La inmigración en la literatura española contemporánea: un panorama crítico. In: ANDRES-SUÁREZ, I.; KUNZ, M.; D'ORS, I. (ed.). *La inmigración en la literatura española contemporánea*. Madri: Editorial Verbum, 2002. p. 109-136.

LISBOA, T. K. Gênero e migrações: trajetórias globais, trajetórias locais de trabalhadoras domésticas. *REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Brasília, v. 14, n. 26-27, p. 151-166, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4070/407042004005.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2019.

MONTERO, L. G. *No me cuentes tu vida*. Barcelona: Editorial Planeta, 2012.

NDONGO, D. *El metro*. Barcelona: Ediciones El Cobre, 2007.

NDR. *Nazi-Verbrecher ohne Reue: Schlussstrich-Debatte in Nordstemmen*. 2019. Disponível em: <https://www.ndr.de/fernsehen/sendungen/panorama3/Nazi-Verbrecher-ohne-Reue-Schlussstrich-Debatte-in-Nordstemmen,ssmann126.html>. Acesso em: 12 dez. 2019.

OLTMER, J. *Deutsche Migrationsgeschichte seit 1871*. 2005. Disponível em: <http://www.bpb.de/gesellschaft/migration/dossier-migration-ALT/56355/migration-1871-1950>. Acesso em: 12 dez. 2019.

ONU – Organização das Nações Unidas. *Estudo da ONU aponta aumento da população de migrantes internacionais*. 2019a. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/estudo-da-onu-aponta-aumento-da-populacao-de-migrantes-internacionais/>. Acesso em: 12 dez. 2019.

ONU – Organização das Nações Unidas. *Número de pessoas deslocadas no mundo chega a 70,8 milhões, diz ACNUR*. 2019b. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/numero-de-pessoas-deslocadas-no-mundo-chega-a-708-milhoes-diz-acnur/>. Acesso em: 12 dez. 2019.

PATRÍCIO, E. M. M. *Securitização da imigração: que impactos sobre os fluxos de imigrantes turcos para Alemanha e sobre as comunidades turcas aí residentes no período de 1999-2009*. 2011. 133 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Escola de Economia e Gestão, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2011.

RUSEISHVILI, S. *Ser russo em São Paulo: os imigrantes russos e a (re) formulação de identidade após a Revolução Bolchevique de 1917*. 2016. 383 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

STADISTA. *Ausländeranteil in verschiedenen Berufsgruppen in Deutschland am 30. Juni 2018*. 2019a. Disponível em: <https://de.statista.com/statistik/daten/studie/167622/umfrage/auslaenderanteil-in-verschiedenen-berufsgruppen-in-deutschland/>. Acesso em: 22 jan. 2020.

STADISTA. *Población extranjera de España por nacionalidad*. 2019b. Disponível em: <https://www.es.statista.com/estadisticas/472512/poblacion-extranjera-de-espana-por-nacionalidad/>. Acesso em: 22 jan. 2020.

STADISTA. *Stimmenanteile der AfD bei den jeweils letzten Landtagswahlen in den Bundesländern bis Oktober 2019*. 2019c. Disponível em: <https://>

de.statista.com/statistik/daten/studie/320946/umfrage/ergebnisse-der-afd-bei-den-landtagswahlen/. Acesso em: 22 jan. 2020.

STATISTISCHES BUNDESAMT. *Publikationen*. Ausländische Bevölkerung. 2019. Disponível em: https://www.destatis.de/DE/Themen/Gesellschaft-Umwelt/Bevoelkerung/Migration-Integration/_inhalt.html#sprg228898. Acesso em: 22 jan. 2020.

STOLARCZYK-GEMBIAK, A. Migrationsliteratur als transkulturelle und transnationale „andere Literatur“ oder „neue Weltliteratur“? Der Forschungsstand. *Koniner Sprachstudien*, Konin, v. 2, p. 187-201, März 2015. Disponível em: <http://www.ceeol.com/search/article-detail?id=515910>. Acesso em: 12 dez. 2019.

TRIVIÑO ANZUELO, C. *Los transterrados*. Bogotá: Silaba, 2018.